

Por isso, morando na terra podemos ter a certeza de que Ele está conosco. Os profetas desfazem e desmascaram essa presunção como a mais pura ilusão: serão todos levados para o exílio, terão de deixar a terra (Jr 13, 15-19), que será inteiramente destruída (Jr 4, 23-28).

Dia de Javé: Vivia-se da esperança. Um dia, Deus haveria de vir a manifestar a Sua justiça: destruir os maus, exaltar o Seu povo. Seria um dia de luz. Vivia-se nessa doce e ilusória esperança, descuidando-se de tudo o mais. Amós, então, dizia: “Ai daqueles que vivem esperando pelo dia de Javé!... Será para vós um dia de trevas e não de luz!” (Am 5, 18-20).

Povo eleito: A origem do povo estava no facto de Deus o haver tirado do Egito e de ter feito com ele uma aliança. Era o título de honra de onde brotava o dinamismo e a força para caminhar. Mas tornou-se, pouco a pouco, motivo para os que pertenciam a ele se considerarem uns privilegiados, que confiavam mais em tal privilégio do que na fidelidade que tal privilégio e eleição deles exigiam. Amós, então, diz: “Assim fala o Senhor: para mim, sois iguais ao povo da terra de Kush. Tirei-vos do Egito como tirei os filisteus de Kaftor e os arameus de Qir” (Am 9, 7). Em termos atuais seria assim: “Meu filho Jesus Cristo morreu tanto por vós os católicos como pelos comunistas! Para mim, vós não sois melhores. Arameus e filisteus eram os maiores inimigos do povo de Deus. Deus cuida deles como cuida dos que não acreditam. O simples facto de pertencer ao povo eleito não dá nenhuma preferência ou segurança.

Filho de Abraão: Abraão foi o grande amigo de Deus, cuja intercessão podia salvar cidades (Gn 18, 16-33). Era um título de glória poder dizer: “Somos da raça de Abraão!” Mas para muitos ficou só o título, sem as obras de Abraão. João Baptista fez saber que, diante de Deus, filhos de Abraão e pedras são a mesma coisa (Lc 3, 8).

Os profetas tiraram todos os apoios, abrem todos os esconderijos e colocam a luz da verdade em todos os pontos escuros. Cortam todos os fios de telefones que faziam a ligação com Deus. Esvaziam tudo e deixam uma insegurança quase total. E como naquele tempo, também hoje o profeta não seria reconhecido, mas rejeitado em nome de Deus. O próprio Jesus Cristo foi rejeitado em nome de Deus e da Tradição: “Este homem não vem de Deus, porque não observa o sábado” (Jo 9, 16).

(Continua no próximo mês)

Amor em Festa

Outubro:

Aniversários Matrimoniais

04 – Casal Abreu, Manuela e Dionísio – Fx 13

13 – Casal Morna, Isabel e Magno – Fx 5

29 – Casal Drumond, Maria e Emílio – Fx 18

Contactos:

Sector **Funchal A:** Casal Fernandes de Abreu ☎ : 291742194 📞 : 965192642

Sector **Funchal B:** Casal Gomes ☎ : 291774488 📞 : 967033568

Endereço do site nacional: www.ens.pt



Equipas de Nossa Senhora



Boletim dos Setores Funchal

Nº 63 – Outubro 2011

Editorial

Um Novo Povo

Deus confia o Seu reino a um novo povo. Isaías, no capítulo 5º, canta o cântico do seu amor pela sua vinha: “Sobre uma fértil colina, o meu amigo possuía uma vinha. Cavou-a, tirou-lhe as pedras e plantou-a de bacelo escolhido. Edificou-lhe uma torre de vigia e nela construiu um lagar. Depois esperou que lhe desse boas uvas, mas ela só produziu uvas azedas”.



“Agora, habitantes de Jerusalém e vós, homens de Judá, sede juízes, por favor, entre mim e a minha vinha. Que mais poderia Eu fazer pela minha vinha, que não tenha feito? Porque é que, esperando Eu que desse boas uvas, apenas produziu uvas azedas?”

Mostrar-vos-ei o que hei de fazer à minha vinha: destruirei a vedação para que sirva de pasto e derrubar-lhe-ei a sebe para que seja pisada. Deixá-la-ei deserta, não será podada nem cavada; crescerão nela os espinhos e os abrolhos; mandarei às nuvens que não derramem chuva sobre ela. A vinha do Senhor do universo é a casa de Israel”.

Hoje, este povo é a Igreja. O Evangelho deste domingo relembra, pela pena de Mateus, a parábola dos vinhateiros, dos servos espancados e do filho que não respeitaram. Por isso, se a construção da Igreja não assentar sobre Jesus Cristo, o Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produzirá os seus frutos. “Os sumos sacerdotes e os fariseus ao ouvirem as Suas palavras compreenderam que eram eles os visados”.

É fundamental que os vinhateiros que somos, cuidemos bem da vinha do Senhor.

P. José Manuel

Aconteceu

- No dia 17 de setembro, o encontro de Equipas de Sector na Igreja do Livramento, tendo terminado com Eucaristia.
- No dia 23 de setembro, reunião do Sector Funchal B.
- No dia 30 de setembro, reunião do Sector Funchal A.

A acontecer

- 1. Encontro de Responsáveis:** No dia 1 de outubro haverá um encontro de Responsáveis de Sector e de Equipa na Igreja de Santa Cecília, Câmara de Lobos, pelas 16H00.
- 2. Eucaristia Mensal:** Também no dia 1 de outubro, pelas 19H30 na Igreja de Santa Cecília, Câmara de Lobos, terá lugar a eucaristia mensal seguida de lanche partilhado e convívio.
- 3. Encontro de Equipas em Caminhada:** Nos dias 22 e 23 de outubro haverá um encontro de Equipas em Caminhada no Hotel do Paul do Mar.

Formação

PROFETAS (11)

Missão e atuação do profeta: o que ensina sobre Deus

A missão e atuação do profeta são condicionadas pela situação concreta do povo. Ele é enviado ao povo a fim de ser instrumento para fazer com que este caminhe em direção ao objetivo com o qual se comprometerá perante Deus na aliança. Para melhor compreender a missão e a situação do profeta é preciso tomar o pulso à vida do povo.

Pelo êxodo, aquele grupo que saiu do Egito tomou consciência de ser o “povo de Deus”, tendo responsabilidade de realizar com Deus um projeto de libertação. Essa consciência de “povo de Deus” é o dinamismo que faz com que o grupo caminhe sempre, mas vá abrindo uma via em direção ao futuro, garantido pelo poder e pela fidelidade de Deus. Na base dessa atitude fundamental de coragem, de fé, de doação e de amor, está a experiência e a convicção inabalável: “Deus está conosco como Aquele que chama a cada momento. Estamos comprometidos com Ele e Ele conosco”. Essa consciência ou experiência de amizade profunda, também chamada *aliança*, estrutura-se em comportamentos e atitudes: lei, culto, instituições, festas, celebrações, costumes, como por exemplo, as romarias ao Templo; tradições que conservam e transmitem o passado como memória atual; imagens e representações, como o bezerro de ouro; profetismo; sacerdócio; monarquia; orações; sabedoria popular; etc. Tudo isto surgiu no povo a partir da sua fé em Deus.

Tais comportamentos e estruturas de vida eram criações do homem que assim procurava dar expressão à sua fé.

Crítica da concepção de Deus pelos profetas

Bezerro de ouro: À saída do Egito fez-se a imagem de um pequeno touro, com a finalidade de dar ao povo uma forma concreta da força com a qual Deus os tinha libertado (Ex 32, 1). Tal imagem encerrava um sério perigo: identificar Deus com os outros deuses. Quando Jeroboão reintroduziu essa imagem do touro (1Rs 12, 38), para dar um cunho religioso à revolução política que fizera, a imagem foi motivo de apostasia. Por isso, a imagem do bezerro de ouro recebe as mais veementes condenações.

Lugares altos: Entretanto na terra prometida começa o povo a adorar Deus nos chamados “lugares altos”, sob árvores frondosas. Achava que lá a força de Deus estivesse mais concentrada. Assim, Salomão adorou a Deus no “lugar alto de Gabaão” (Rs 3, 4), sem que nisso houvesse alguma inconveniência. Mas essa forma de adorar Deus encerrava um perigo: identificar Deus com os outros deuses que eram adorados da mesma maneira nos mesmos lugares. Os profetas condenavam veementemente tal forma de piedade. Chamam-na “prostituição debaixo das árvores” (Jr 3, 1-27; Is 1, 29-31; Os 2, 6-7). Este culto tinha de ser criticado e condenado.

Rei e Monarquia: Na pessoa do Rei, personalizou-se a grande promessa que dizia: “Sereis o Meu povo e eu serei o Vosso Deus”. Agora é: “Serei para ele um pai e ele será para Mim um filho” (2Sm 7, 14). O rei era, assim, a concretização visível da amizade de Deus para com o povo e o instrumento de fazer valer a vontade de Deus. Deus é obrigado a ajudar-nos, pois Ele mesmo prometeu um rei no trono de David (1S7, 76). Por isso, os profetas aparecem dizendo: o trono de David será uma cabana destruída (Am 9, 11), o rei de Israel irá desaparecer para sempre (Os 10, 15). O facto de ter um rei não dava salvo-conduto a ninguém.

Templo: Era o lugar do encontro do povo com Deus: “Como é linda a Tua casa, Senhor! Morro de desejo de me encontrar contigo no lugar onde moras” (Sl 83, 2-3). Peregrinações, romarias, salmos, cantos, preces, tudo estava vinculado ao templo, morada de Deus. Tendo o templo, Deus está comprometido conosco. A preocupação com o templo fazia esquecer a obrigação mais grave de viver a fé. Por isso, Jeremias ataca frontalmente o templo (Jr 7, 1-15) e diz: “Roubar, matar, fazer tudo o que é mal e depois vir ao templo e dizer: “Estamos seguros”, para em seguida continuar na mesma maldade... Vou tratar este templo como tratei o templo de Silo!” (Jr 7, 9-10.14). Todos sabiam que o templo de Silo foi totalmente destruído.

Culto: O culto era o centro da vida da nação: recordava o passado e tornava-o presente, possibilitando a cada geração comprometer-se com o projeto de Deus e tomar consciência dos seus direitos e deveres. Mas o culto converteu-se em rito, desligado da fonte viva que era a vivência da presença de Deus. Era um modo de comprar a proteção divina. Cuidava-se das cerimónias, mas não da vida. São os profetas que percebem a falsidade dessa fachada. Tal culto para nada serve: “Que Me importam os vossos inumeráveis sacrifícios? Já não aguento mais os vossos holocaustos!... Quando vindes estender as mãos (para rezar), Eu desvio o rosto. Mãos cheias de sangue!” (Is 1, 11.15).

Jerusalém: Jerusalém é a Cidade da Paz, cantada em tantos salmos, como símbolo da força e da presença de Deus na vida do povo (Sl 121; 136; 147). Era o coração da vida da nação, a “Montanha Santa”. Mas de nada servia aquela glória, pois não levou o povo à prática da justiça. Por isso, Jerusalém será abandonada por Deus (Ez 11, 22-25), será totalmente destruída como uma cidade qualquer (Is 3, 8-9).

Terra: Abraão pôs-se a caminho, em direção à terra prometida, conquistada mais tarde por Josué. A conquista da terra era sinal de que Deus cumpria as suas promessas.